

3º TRIMESTRE
2023

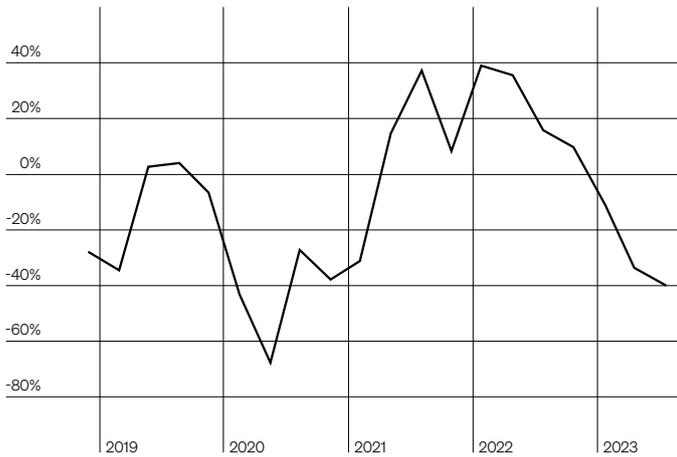
P O R T U
G U E S E
S H O E S

A P I C C A P S

ANÁLISE
TRIMESTRAL
DE CONJUNTURA
À INDÚSTRIA DE
CALÇADO

No terceiro trimestre, a conjuntura económica nacional e internacional deteriorou-se com um impacto negativo na indústria de calçado em toda a Europa. Para as empresas da indústria portuguesa de calçado, esta deterioração traduziu-se na redução dos níveis de produção e da carteira de encomendas. A escassez de encomendas, nacionais e estrangeiras, lidera destacadamente as dificuldades sentidas pela indústria. Consequentemente, os níveis de utilização da capacidade produtiva estão aquém do normal para a época do ano. Apesar disso, a larga maioria das empresas mantiveram o número de pessoas ao seu serviço, as empresas que consideram que o estado dos negócios é suficiente ou bom são mais numerosas do que as que pensam que é mau e a percentagem de empresas que se referem a dificuldades financeiras permanece reduzida.

Para o último trimestre do ano, as empresas preveem a persistência de tendências desfavoráveis, com reduções adicionais nos níveis de produção e encomendas. Quase três quartos dos inquiridos acreditam que o estado de negócios no final de 2023 será pior do que o vivido um ano antes.



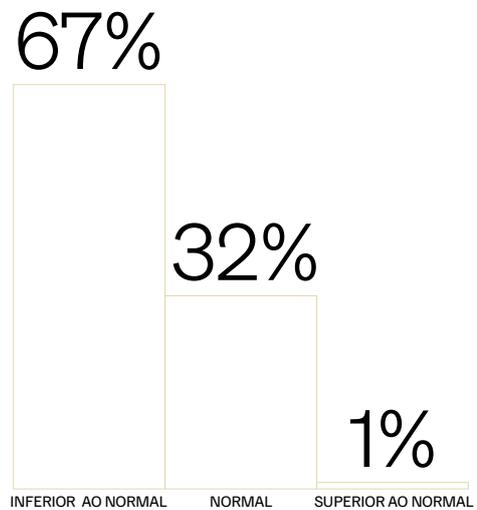
EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

PRODUÇÃO

No 3º trimestre, manteve-se a tendência de abrandamento da atividade da indústria portuguesa de calçado, com a maioria das empresas (55%) a indicarem uma diminuição da produção face ao trimestre anterior, enquanto apenas 17% disseram o inverso. O saldo de respostas extremas agravou-se em cinco pontos percentuais (p.p.) atingindo o nível mais baixo dos últimos três anos (-39 p.p.). A tendência negativa foi comum às empresas de todos os escalões de dimensão e orientação de mercado.

UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE

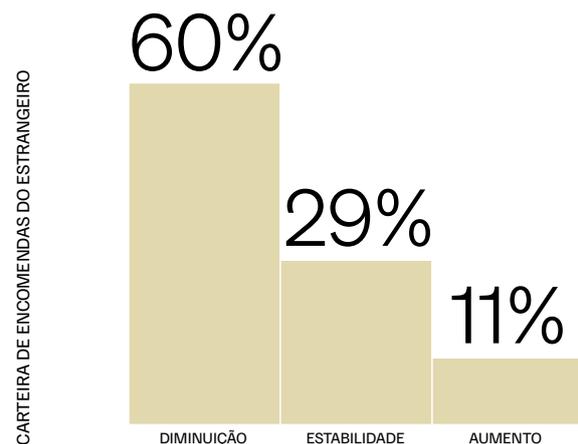
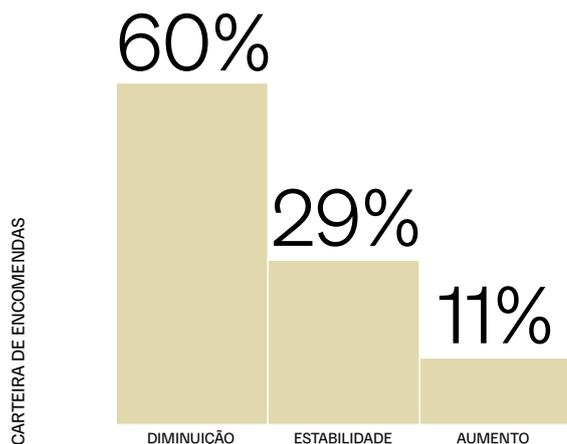
Cerca de um terço das empresas (32%) indicaram que a utilização da sua capacidade produtiva no terceiro trimestre foi normal para a época do ano. Quanto às restantes, na sua quase totalidade (67%), indicaram que fica aquém do normal (s.r.e. de -66 p.p.). No entanto, entre as empresas com mais de 250 trabalhadores, 71% consideraram a utilização de capacidade normal para a época do ano.



CARTEIRA DE ENCOMENDAS

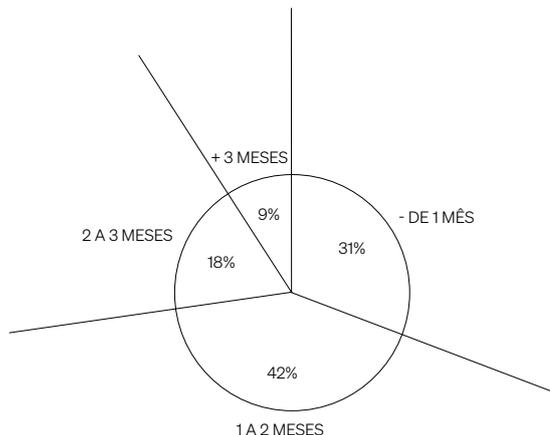
A evolução da carteira de encomendas manteve a tendência do trimestre anterior: um pouco mais de um quarto das empresas dizem que a sua carteira se manteve inalterada e 11% afirmam mesmo que aumentou, mas a maioria aponta em sentido inverso, gerando um s.r.e. de -49 p.p. A evolução da carteira foi mais favorável nas empresas de pequena e muito grande dimensão do que nas de dimensões intermédias.

A apreciação foi exatamente a mesma no que respeita às encomendas vindas do estrangeiro. Tal como as empresas previram no trimestre passado, 29% dizem que a carteira estabilizou. Nesta matéria, as empresas que dispersam as suas vendas entre o mercado nacional e os mercados internacionais mostram-se menos pessimistas do que as que se especializam num ou nos outros.



HORIZONTE

Apesar destas tendências, mais de dois terços das empresas afirmam ter encomendas que lhes garantem mais de um mês de produção: 42% das inquiridas asseguram que a carteira de encomendas lhes garante a produção para 1 a 2 meses, 18% para 2 a 3 meses e aumentou, face ao segundo trimestre, a percentagem das que dizem ter a produção garantida para mais de 3 meses (de 2% para 9%). É entre as empresas mais pequenas e mais focadas no mercado nacional que a produção assegurada é mais curta.



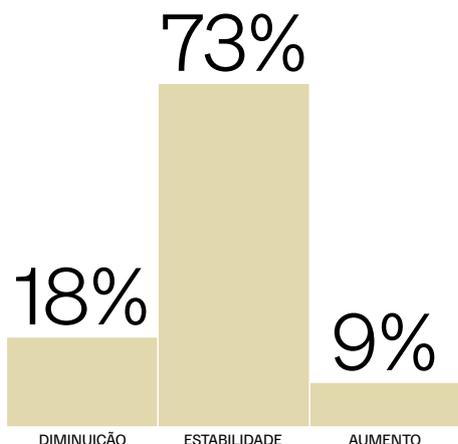
PRODUÇÃO ASSEGURADA PELA CARTEIRA DE ENCOMENDAS

PREÇOS

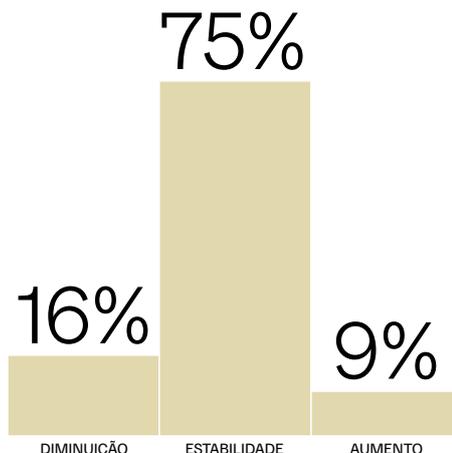
Os preços de venda apresentam a mesma tendência de evolução em Portugal e no estrangeiro. Em ambos os casos, a larga maioria das empresas (73% e 75%, respetivamente) entende que os preços permaneceram estáveis. À semelhança das perguntas anteriores, também neste caso as respostas de sentido negativo excederam

as de sentido positivo, sendo o saldo de respostas extremas de -9 p.p., para o mercado português e -7 p.p., para o mercado internacional. As empresas de maior dimensão apontam para uma evolução mais vantajosa dos preços.

PREÇOS EM PORTUGAL

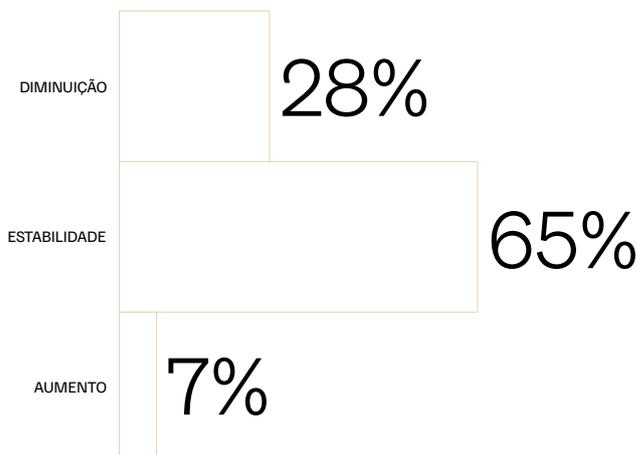


PREÇOS NO ESTRANGEIRO



PESSOAS AO SERVIÇO

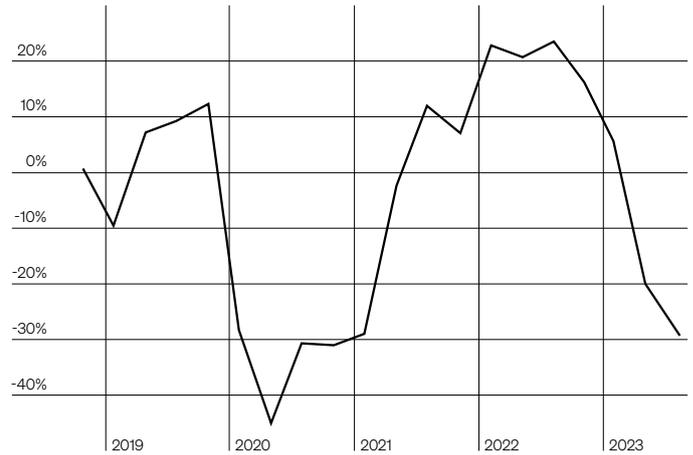
Embora a conjuntura se apresente desfavorável, quase dois terços das empresas afirmam que o número de pessoas ao seu serviço não sofreu alteração e 7% reforçaram mesmo os seus quadros de pessoal. A tendência continua, no entanto, a ser para uma retração do emprego no setor, uma vez que foram mais as que indicaram uma diminuição no número de trabalhadores do que as que referiram o inverso (s.r.e. -21 p.p.). As empresas mais pequenas mostram, nesta matéria, uma maior resiliência do que as restantes (s.r.e. -3 p.p.).



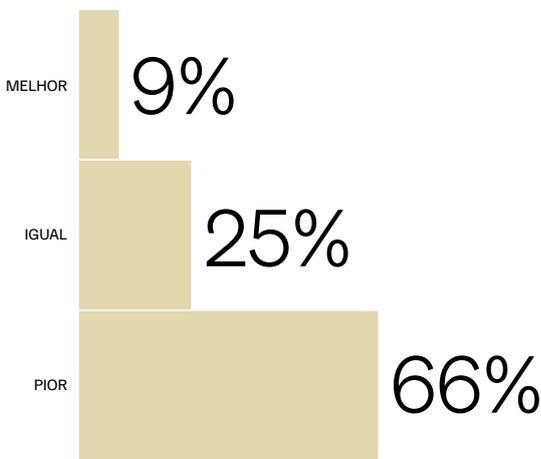
EMPREGO

ESTADO DOS NEGÓCIOS

A maioria das empresas (56%) continua a entender que o estado dos negócios é suficiente ou bom, mas a avaliação dos inquiridos agravou-se face ao segundo trimestre: as empresas que consideram que o estado dos negócios no terceiro trimestre foi mau superaram em 29 p.p. as que entendem que foi bom, originando um saldo de respostas extremas menos favorável do que os -26 p.p. observados no trimestre anterior.



EVOLUÇÃO FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR



ESTADO DOS NEGÓCIOS VS PERÍODO HOMÓLOGO

Apesar da conjuntura adversa, 9% das empresas consideram que o estado dos negócios no terceiro trimestre de 2023 foi melhor do que no trimestre homólogo de 2022. No entanto, dois terços das inquiridas pensam o contrário, gerando um s.r.e. de -57 p.p., o mais negativo dos últimos três anos.

Tal como acontece ao nível da evolução da carteira de encomendas, a apreciação do estado dos negócios é mais favorável entre as empresas moderada e fortemente exportadoras. A maioria das empresas orientadas unicamente para o mercado nacional ou que exportam tudo aquilo que produzem consideram que o estado dos negócios é mau (52% e 55%, respetivamente). As empresas com mais de 250 trabalhadores fazem uma avaliação do estado dos negócios menos desfavorável do que as restantes.

Segmento	PIOR	IGUAL	MELHOR
PEQUENAS EMPRESAS	52%	35%	13%
MÉDIAS EMPRESAS	25%	67%	8%
GRANDES EMPRESAS	39%	39%	22%
EMPRESAS MUITO GRANDES	55%	36%	9%

LIMITAÇÕES À PRODUÇÃO E VENDAS

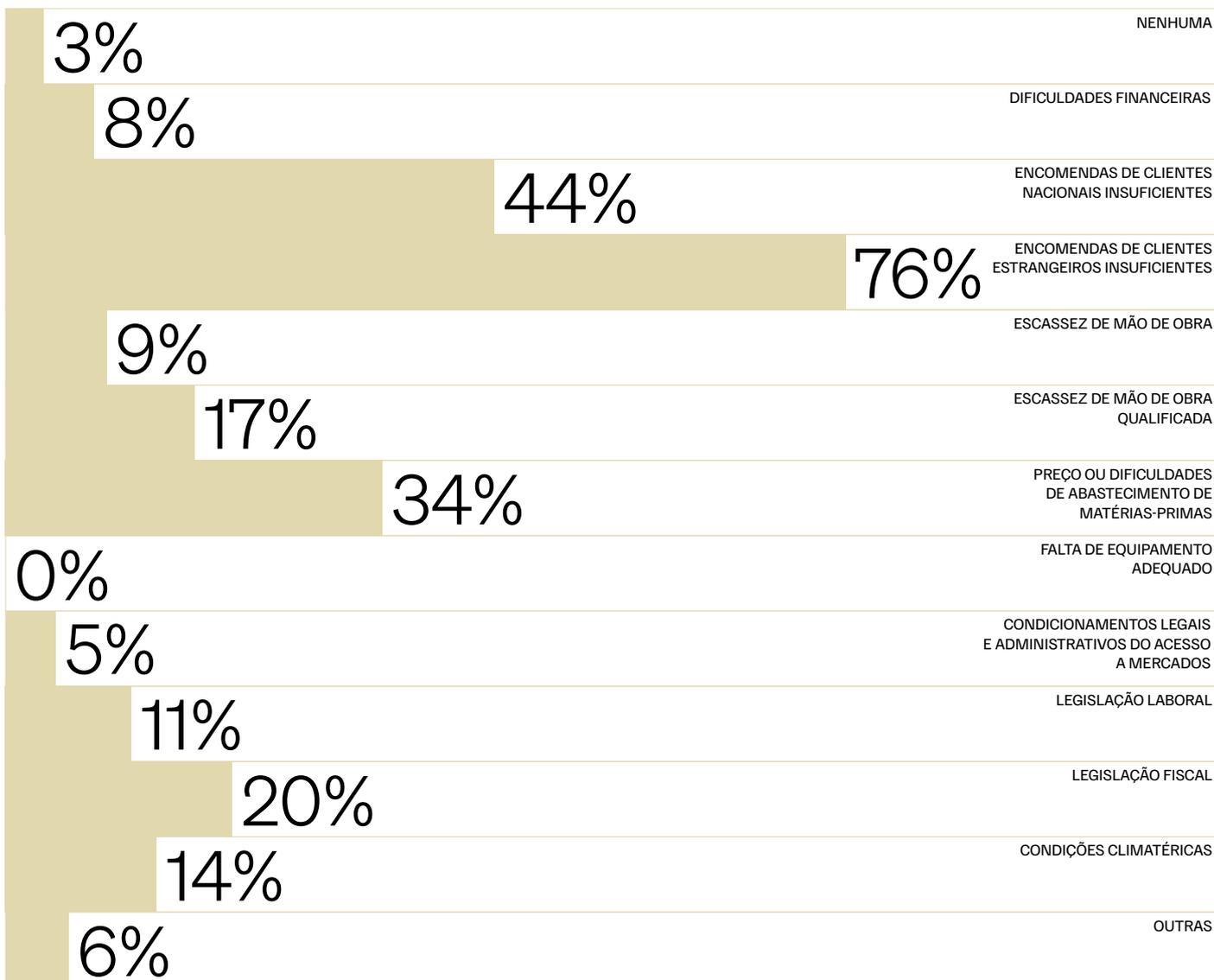
As respostas das empresas quanto às limitações à produção e vendas são consistentes com o cenário de degradação da conjuntura que resulta das respostas anteriores. Três em cada quatro empresas (76%) dizem ter-se debatido com insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros e 44% afirmam que as encomendas de clientes nacionais não foram suficientes. A preocupação com o mercado nacional é particularmente frequente (54%) entre as empresas com menos de 50 trabalhadores e a preocupação com os clientes internacionais entre as que têm 50 a 100 trabalhadores (91%). Entre as empresas de maior dimensão, as referências a estas dificuldades, apesar de significativas, são menos frequentes.

Depois do pico atingido em meados do ano anterior, as referências a limitações relacionadas com o preço e dificuldades com o abastecimento de matérias-primas continuam a abrandar. No entanto, são ainda mencionadas por 34% das empresas, o que as posiciona na terceira

posição das preocupações mais sentidas pelo setor. A abrandar ainda mais, tendo caído para cerca de metade face ao trimestre anterior, estão as questões relacionadas com a mão-de-obra: apenas 9% das empresas mencionam agora escassez de mão-de-obra, em geral, e 17% escassez de mão-de-obra qualificada.

Em sentido contrário, no terceiro trimestre houve um agravamento das dificuldades relacionadas com as condições climáticas. Desde o final de 2019 que este fator não registava mais de 5% de referências, mas subiu agora para 14%. Por sua vez, 20% das empresas referem a legislação fiscal como uma das suas principais limitações.

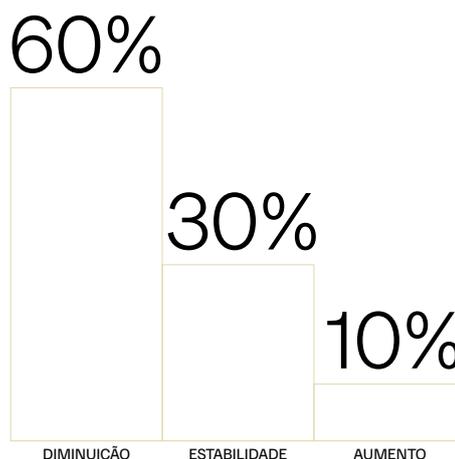
A degradação da conjuntura é particularmente evidente na percentagem de empresas que afirmam não enfrentar nenhuma limitação que caiu para 3%, o nível mais baixo de sempre. Ainda assim, a percentagem de empresas que se referem a dificuldades financeiras mantém-se baixa (8%) e registou até uma diminuição face aos trimestres mais recentes.



DIFICULDADES NO TRIMESTRE

TENDÊNCIA DA PRODUÇÃO

As empresas receiam que no último trimestre do ano a conjuntura se agrave. A larga maioria (60%) acredita que o seu nível de produção vai diminuir, enquanto apenas 10% esperam que aumente. O s.r.e. correspondente (-50 p.p.) é o segundo mais negativo de sempre, apenas superado pelo registado no primeiro trimestre de 2020, no início da pandemia de COVID-19. As perspetivas são, no entanto, bastante melhores para as empresas de muito grande dimensão (-14 p.p.).



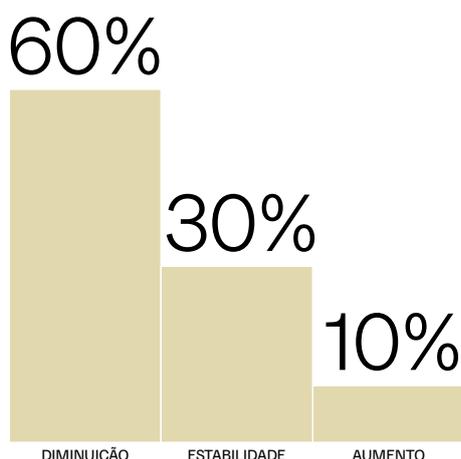
PREVISÃO DE EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO

PERSPETIVAS DE ENCOMENDAS

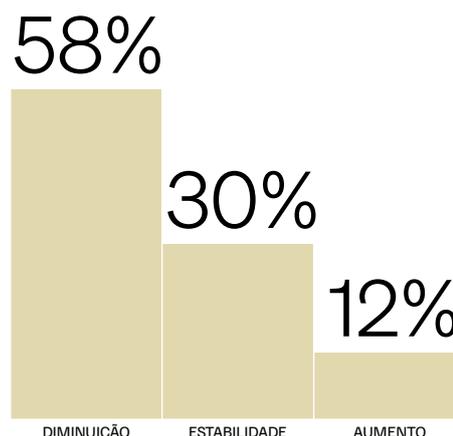
As perspetivas para a carteira global de encomendas são mais pessimistas do que no trimestre passado: apenas uma em cada dez empresas acredita que poderá dar-se um aumento da carteira, enquanto 60% receiam a sua diminuição. As expectativas negativas são comuns

às empresas de todos os escalões de dimensão e vocação exportadora. As perspetivas para as encomendas do estrangeiro não diferem significativamente das formuladas para o conjunto da carteira.

PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



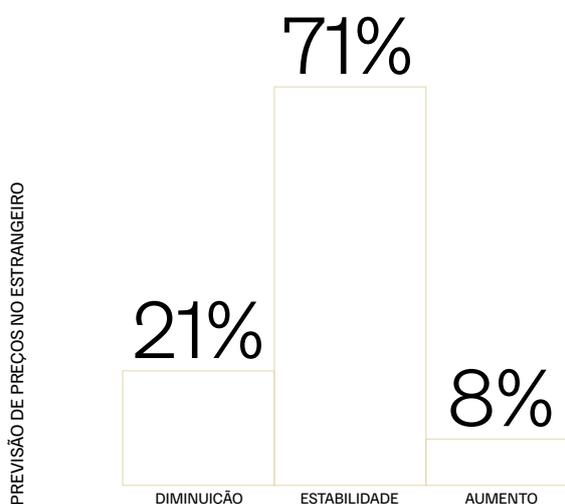
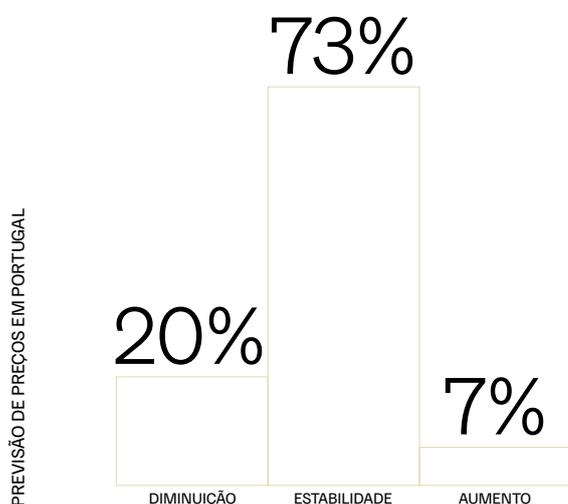
PREVISÃO DA CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



PERSPETIVAS DE PREÇO DE VENDA

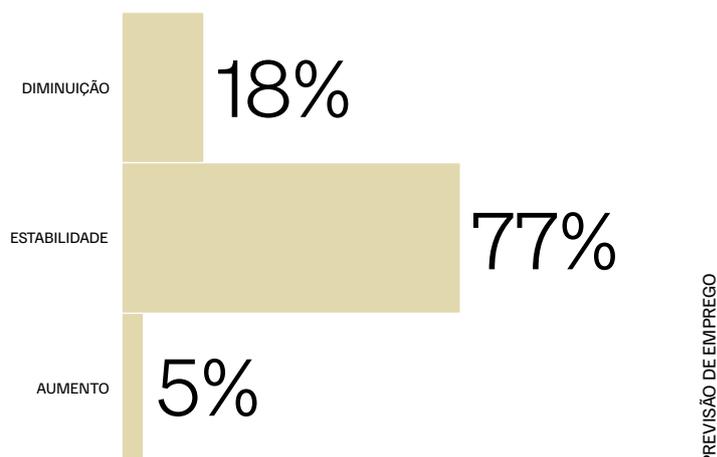
As previsões sugerem uma evolução muito idêntica dos preços em Portugal e no estrangeiro: quase três quartos das empresas (73% e 71%, respetivamente) acreditam que, no último trimestre de 2023, os preços se manterão estáveis. No entanto, o saldo de respostas extremas é de

-13 p.p. tanto para o mercado nacional como para os mercados externos, sugerindo uma tendência de redução. Estes saldos são menos negativos entre as empresas de pequena dimensão e nulos para as que empregam mais de 250 trabalhadores.



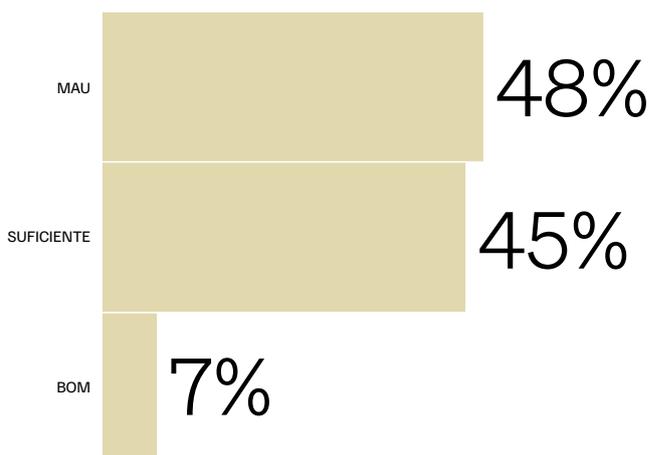
PERSPETIVAS SOBRE O EMPREGO

Apesar de a conjuntura ser desfavorável, grande parte das empresas (77%) acreditam poder manter o número de pessoas ao seu serviço. O saldo entre as que pensam reforçá-lo e reduzi-lo é de 13 p.p. Neste aspeto, as empresas médias e as moderadamente exportadoras destacam-se das restantes apresentando saldos de respostas extremas nulos.



PERSPETIVAS SOBRE O ESTADO DOS NEGÓCIOS

As empresas perspetivam uma deterioração geral do estado dos negócios no quarto trimestre. Apenas 7% dos inquiridos acreditam que o estado dos negócios será bom, enquanto quase metade (48%) receiam que seja mau, o que implica um agravamento do saldo de respostas extremas em 12 pontos percentuais face ao verificado no trimestre que agora termina. Quase três quartos das empresas (74%) antecipam que o estado dos negócios será pior do que o verificado no período homólogo de 2022.



As empresas de maior dimensão (mais de 250 trabalhadores) fazem uma apreciação do estado dos negócios bastante mais favorável do que as restantes, apresentando um saldo de respostas extremas nulo, enquanto nos restantes escalões este ronda os 40-45 p.p. negativos. No entanto, mesmo estas muito grandes empresas consideram maioritariamente (57%) que o estado dos negócios no final de 2023 será pior do que um ano antes. A avaliação negativa da situação é comum às empresas dos vários escalões de vocação exportadora.

ORIENTAÇÃO NACIONAL	54%		34%	12%
	PIOR		IGUAL	MELHOR
MODERADAMENTE EXPORTADORAS	45%		55%	
	PIOR		IGUAL	
FORTEMENTE EXPORTADORAS	50%		46%	4%
	PIOR		IGUAL	MELHOR
TOTALMENTE EXPORTADORAS	14%	72%		14%
	PIOR	IGUAL		MELHOR

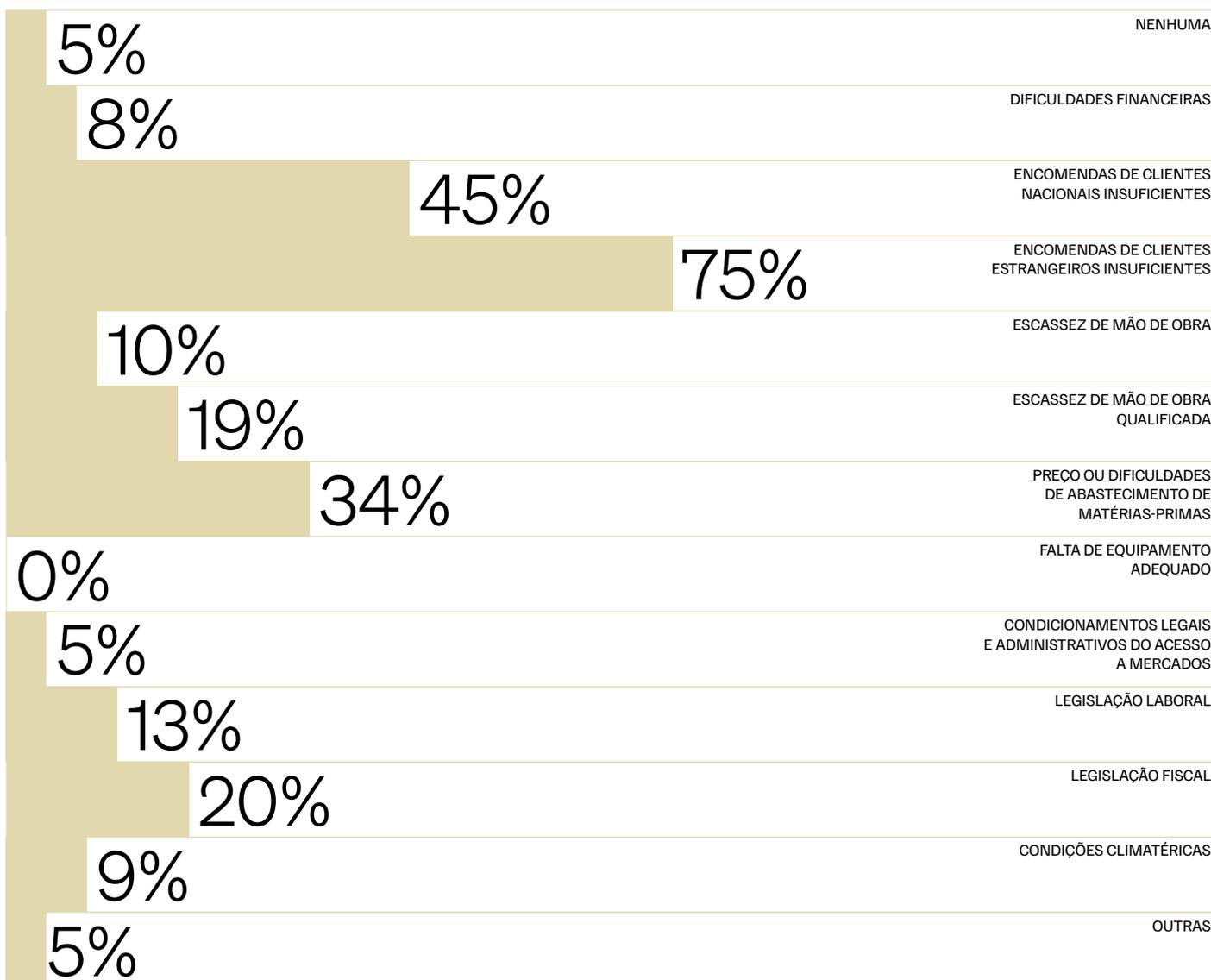
LIMITAÇÕES PREVISTAS

As limitações à atividade previstas pelas empresas para os últimos meses do ano não divergem acentuadamente das que revelaram sentir no terceiro trimestre. Prevê-se que as maiores dificuldades continuem relacionadas com a falta de encomendas de clientes estrangeiros, referidas por 75% das inquiridas (diminuição de 1 p.p. face ao 3º trimestre) e de encomendas de clientes nacionais, que recolhem 46% das respostas (mais 2 p.p. do que 3º trimestre).

Os problemas relacionados com o preço e dificuldades no abastecimento de matérias-primas obtêm o mesmo número de referências que anteriormente (34%). O mesmo acontece com a legislação fiscal (20%),

dificuldades financeiras (8%), condicionamentos legais e administrativos do acesso a mercados externos (5%) e falta de equipamento adequado (0%).

Para lá da insuficiência de encomendas de clientes nacionais, verificam-se ligeiros agravamentos nas referências a escassez de mão-de-obra, geral e qualificada, e à legislação laboral. Em sentido contrário, os inquiridos acreditam que os problemas decorrentes das condições climáticas irão abrandar: a percentagem de empresas que agora preveem problemas desta natureza diminuiu 5% em relação ao trimestre anterior.



NOTAS DE CONJUNTURA

A indústria de calçado atravessa uma conjuntura desfavorável em todos os principais países produtores europeus. De acordo com o Eurostat, no terceiro trimestre do corrente ano, a produção de calçado caiu 12,5% em Itália, 20,8% em Espanha e 29,9% em França, por comparação com o mesmo trimestre de 2022. Mesmo na Turquia terá havido uma quebra de produção, embora de apenas 2,4%. As quebras são menores quando se toma por comparação o trimestre anterior, dado a tendência negativa que a indústria já então atravessava. As estatísticas europeias apontam para que, no último trimestre, os preços na produção tenham registado apenas um muito ligeiro aumento, de 0,6% no conjunto da União Europeia e percentagens ainda mais baixas em Itália e Espanha.

A conjuntura macroeconómica nacional é desfavorável e as perspetivas para os próximos anos são de um crescimento económico pouco mais do que residual. De acordo com edição de outubro da Folha Trimestral de Conjuntura do NECEP da Universidade Católica Portuguesa:

“No terceiro trimestre de 2023, a economia portuguesa deverá ter contraído 0.3% em cadeia, o que corresponderia a um crescimento de 1.7% em termos homólogos. (...) O ponto central da estimativa de crescimento da economia portuguesa é revisto em baixa para 2.1% em 2023 (...). O crescimento tendencial da economia continua frágil (...). Os fatores mais relevantes continuam a ser a inflação elevada e taxas de juro crescentes, a que se junta agora um provável agravamento da disponibilidade de crédito. O consumo privado e o investimento parecem continuar com uma dinâmica frágil.

Para 2024 e 2025, os novos pontos centrais para o crescimento anual são, respetivamente, de 1.0% e 1.5%, refletindo os efeitos adversos que a pandemia poderá ter tido no crescimento potencial da economia portuguesa, bem como os custos da inflação e das taxas de juro elevadas.

NECEP/CEA/CLSBE/UCP – Folha Trimestral de Conjuntura nº 74 (Ano XIX) –
3º trimestre 2023

A previsão do NECEP de um crescimento da economia portuguesa de apenas 1% em 2024 é um pouco inferior à de outras instituições: as previsões mais recentes do FMI, OCDE, Banco de Portugal e Ministério das Finanças apontam para 1,5% e as da Comissão Europeia para 1,3%.

O Fundo Monetário Internacional atualizou em outubro a análise da economia internacional e, se assinala o abrandamento económico que se vai observando um pouco por todo o mundo, não deixa de salientar a resiliência que a atividade económica demonstrou face às gravíssimas ameaças com que foi confrontada nos últimos anos: a pandemia de COVID-19, a guerra na Ucrânia e a crise inflacionista. Afirmo o FMI:

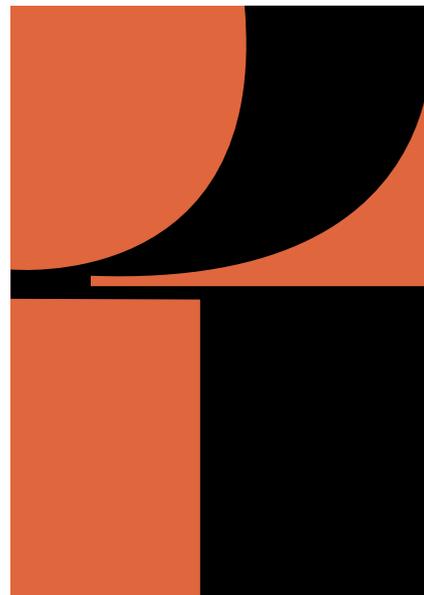
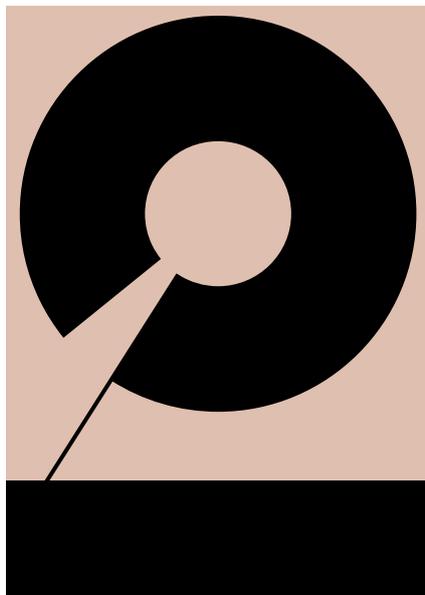
“Prevê-se que o crescimento global abrande de 3,5% em 2022 para 3,0% em 2023 e 2,9% em 2024. As projeções permanecem abaixo da média histórica (2000-19) de 3,8% (...). Para as economias avançadas, a desaceleração esperada é de 2,6% em 2022 para 1,5% em 2023 e 1,4% em 2024, face a um dinamismo dos EUA mais forte do que o esperado, mas crescimento mais fraco do que o esperado na área do euro. Projeta-se que os mercados emergentes e as economias em desenvolvimento tenham um declínio

modesto no crescimento, de 4,1% em 2022 para 4,0% em 2023 e 2024, (...) refletindo a crise do setor imobiliário na China. As previsões para o crescimento global a médio prazo, de 3,1%, estão no seu nível mais baixo em décadas e as perspetivas de os países recuperarem padrões de vida mais elevados são fracas. A inflação global deverá diminuir de forma constante, de 8,7% em 2022 para 6,9% em 2023 e 5,8% em 2024.

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook, outubro de 2023

Quanto aos principais mercados da indústria de calçado portuguesa, as previsões do FMI para este ano são pouco animadoras: a economia da Área Euro deve crescer apenas 0,7%, nomeadamente devido à redução de 0,5% no PIB alemão e ao crescimento de apenas 1% no PIB francês. No contexto europeu, a Espanha destaca-se com um crescimento de 2,5%. Os EUA com um crescimento de 2,1% têm também um desempenho superior ao da generalidade das economias avançadas. Para 2024, o FMI prevê alguma uniformização, com uma redução do crescimento para 1,5% nos EUA e 1,7% em Espanha, enquanto a economia alemã deve crescer 0,9% e a francesa 1,3%.

Em meados de novembro, a Comissão Europeia atualizou as suas previsões económicas, reduzindo o crescimento esperado na Área Euro em 2023 para apenas 0,6%. Para 2024, a CE espera uma ligeira melhoria da situação, com o crescimento a aumentar para 1,2%, mas não deixa de assinalar que os riscos que rodeiam estas previsões se agravaram nos últimos meses.



APICCAPS

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

